

Ampliando
Horizontes:

POESIA

Poesia e Ficção
ANO 4

Juarez Poletto
Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva
organizadores

O poema pode achar o GOL

A stylized illustration in black and white on a green background. It shows a soccer ball on a grid-patterned field. A hand wearing a soccer glove is reaching up towards the ball. A white cylindrical object, possibly a rolled-up document or a piece of paper, is positioned diagonally across the scene, overlapping the text and the field.

Ampliando
Horizontes:

Poesia e Ficção
ANO 4

POESIA

Juarez Poletto
Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva
organizadores

O poema
pode achar

O

GOL



Realização:



Máquina de Escrever
editora | produção cultural

a Fábulas 

Incentivo:



Kirsten
pianos elétricos



SOFTMARKETING
SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO



Prefeitura de
CURITIBA

Projeto realizado com recursos do programa de apoio, fomento e incentivo à cultura de Curitiba – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Coordenação Pedagógica

Marcio Renato dos Santos

Coordenação do Projeto e edição

Victor Augustus Graciotto Silva

Produção

Juliana Cristina Reinhardt

Realização

Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural

Ministrante da oficina

Juarez Poletto

Capa

Simon Taylor

Diagramação

Rafael Kloss

Revisão

Cida Grecco

Elys Faria Bittencourt

Fotografia

Clara Reinhardt Silva

Dados internacionais de catalogação na publicação

A526

Ampliando Horizontes: poesia e ficção, poesias, ano 4 / organizado por Juarez Poletto; Márcio Renato dos Santos; Victor Augustus Graciotto Silva; ilustração da capa por Simon Taylor.

____ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.

84 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-95-7

Em sua quarta edição, este projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção.

1. Poesia Brasileira – Paraná. I. Poletto, Juarez. II. Santos, Márcio Renato dos. III. Silva, Victor Augustus Graciotto. IV. Taylor, Simon.

CDD: 869.9162

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



Juarez Poletto
Marcio Renato dos Santos
Victor Augustus Graciotto Silva
organizadores

O poema pode achar o ***GOL***

POESIA

1ª edição

Curitiba, 2025



SUMÁRIO

Apresentação..... 09

Prefácio - Juarez Poletto..... 17

Alice Medeiros

Palavras26

Beijo27

Perdão.....28

Francisco Ribas

Sofreguidão.....29

Cora30

Filhos de Adão.....31

Juliana Benatto Mancio da Silva

O cume.....32

Poética33

Livraria34

Luna Madsen

Ao homem fanfarrão35

Soneto das sogras.....36

Do sono.....37

Gabriel Cerqueira de Oliveira

Distante do que eu fui40

Cicatrizes41

Enganosa canção.....42

Gabriela Boratto

Meio nada.....44

Carinho meu45

Gisele Oliveira

Saudade.....46

A vida.....47

Quando as palavras faltam48

Jucilene Aparecida Arruda Monteiro	
Ode à Liberdade	49
Pesadelo	50
No morro	51
Marcos Fortes	
Mitológico.....	52
Do leite ao meu púlpito	53
Guerra	
(Ao tio-avô que foi à guerra)	54
Nilcéia Albuquerque França	
Então	55
Um amor	56
Evolução?.....	57
Nola Amaro	
Trova.....	58
Metapoesia.....	58
Mãe.....	59
Silvaney Aguiar	
Manias.....	60
Cantiga para a fé	62
Antes do Voo.....	63
Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff	
Dias naturais	64
Além do grão e da montanha	
(Para Sebastião Salgado)	65
Faro	66
Tharita Capelari Chimenez	
Trova.....	67
Poética	67
Thiago Sequinelli Rodrigues.....	69
Vera Lucia Bianchini Martins	
Ode a meus pais	70
Poesia é vida	71
Fases	72
<i>Posfácio - Rita Cassitas</i>	<i>75</i>

APRESENTAÇÃO

TANTAS MÃOS PARA UMA OBRA EM PROGRESSO

Marcio Renato dos Santos e Victor Augustus Graciotto Silva

“No país em que a ignorância e a falta de recursos para os escritores e ilustradores impera, Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção é um diferencial para artistas na viabilização do sonho de publicar”.

A frase, deste primeiro parágrafo, é de Alice Medeiros, agente de leitura do Memorial Árabe, espaço cultural da prefeitura de Curitiba, localizado no centro da cidade.

Alice enunciou a sentença imediatamente após o encerramento das duas oficinas de poesia do projeto Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4, com atividades realizadas aos sábados, entre março e maio deste ano, no Memorial Árabe.

E o que Alice diz, em alguma medida, define o projeto: Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, desde a primeira edição, em 2022, oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção: da ideia inicial à escrita, incluindo a interlocução e a mentoria com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas.

E já que estávamos falando do Memorial Árabe, neste ano Juarez Polleto esteve à frente das duas oficinas de poesia do projeto no citado espaço, cada uma com 4 encontros, cada aula com duração de 4 horas.

A respeito dele, Alice fez o seguinte comentário: “Ao professor Juarez Polleto, o meu respeito e admiração: a literatura e a poesia são a sua derme, sua pulsão de vida”.

De fato, Juarez vibra ao falar e destrinchar assuntos, poemas e questões ligadas à literatura e poesia.

Ele quase levitou ao comentar o Romantismo e suas nuances, e também ao declamar e analisar poemas, entre tantas vozes, de Manuel Bandeira, de Alice Ruiz e de Paulo Leminski.

Contagante, a eletricidade do ânimo de Juarez se espalhou pelo Memorial Árabe estimulando os participantes dos dois cursos, tal qual “De vir”, um poema dele:

“A expectativa devora,/revela o medo e encanta./Se já fui, não me apavora,/o que serei me espanta.”

Tão bem demais como as oficinas de Juarez foi o curso de jornalismo ministrado por José Carlos Fernandes.

Nesses tão polarizados anos do século 21, realizamos uma oficina de jornalismo, com moderação, escuta e foco em crônica e perfil.

Pesquisador e professor na UFPR, José Carlos Fernandes, o Zeca, apresentou na Biblioteca Darcy Ribeiro, outro espaço da prefeitura no centro de Curitiba, para privilegiados, aquela performance que só ele é capaz de executar.

Aulas-show?

Mais que isso.

Repertório e compartilhamento de experiência de quem atuou em uma redação de jornal impresso por décadas.

Ele relatou alegrias e bolas divididas, ofertando pensatas de quem abriu caminho como repórter, editor e muito mais: Zeca é autor de 600

inovadoras crônicas publicadas há alguns anos na imprensa brasileira, em um diário que impactava a vida paranaense.

Curitibano do Água Verde, como ele às vezes se apresenta, José Carlos Fernandes prova, com a sua existência, que Curitiba é bacana e gerou um dos mais brilhantes jornalistas e professores desses tempos líquidos: ele, que torna e transforma tudo, como canta Caetano, em odara – alegria luminosa.

Involuntariamente rimando com alegria, vale mencionar a mentoria, que em nosso projeto não é apenas essa palavra tão repetida no zeitgeist, mas prática: Juarez, na poesia, Zeca, no jornalismo e Carlos Machado, que ministrou a oficina de contos em 2025. Todos eles colocaram em ação o acompanhamento sensível, orientando e ampliando horizontes de quem participou dos cursos de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4.

No Farol das Cidades, no bairro Abranches, outro espaço da prefeitura de Curitiba, Carlos Machado conduziu uma turma com didática inovadora, e também por meio da participação de Luiz Felipe Leprevost, Jonatan Silva e Fabiano Vianna, escritores curitibanos que fizeram intervenções mais do que especiais em alguns dos encontros.

O jornalista e escritor Luan Azevedo participou do curso e aprovou a presença de vozes literárias contemporâneas na oficina:

“Foi bem legal e diversificado”.

O método de Carlos Machado, enfim, também recebeu os aplausos da turma, materializados por meio das palavras de Luan:

“É um excelente escritor e um professor genial”.

A mentoria, uma realidade em nossas oficinas, pode ser exemplificada pela ação de Carlos Machado: ele apresentou teoria e contos, criou dinâmicas, viabilizou leituras dos textos produzidos pelos participantes e sugeriu reconstruções, sempre com a premissa de que

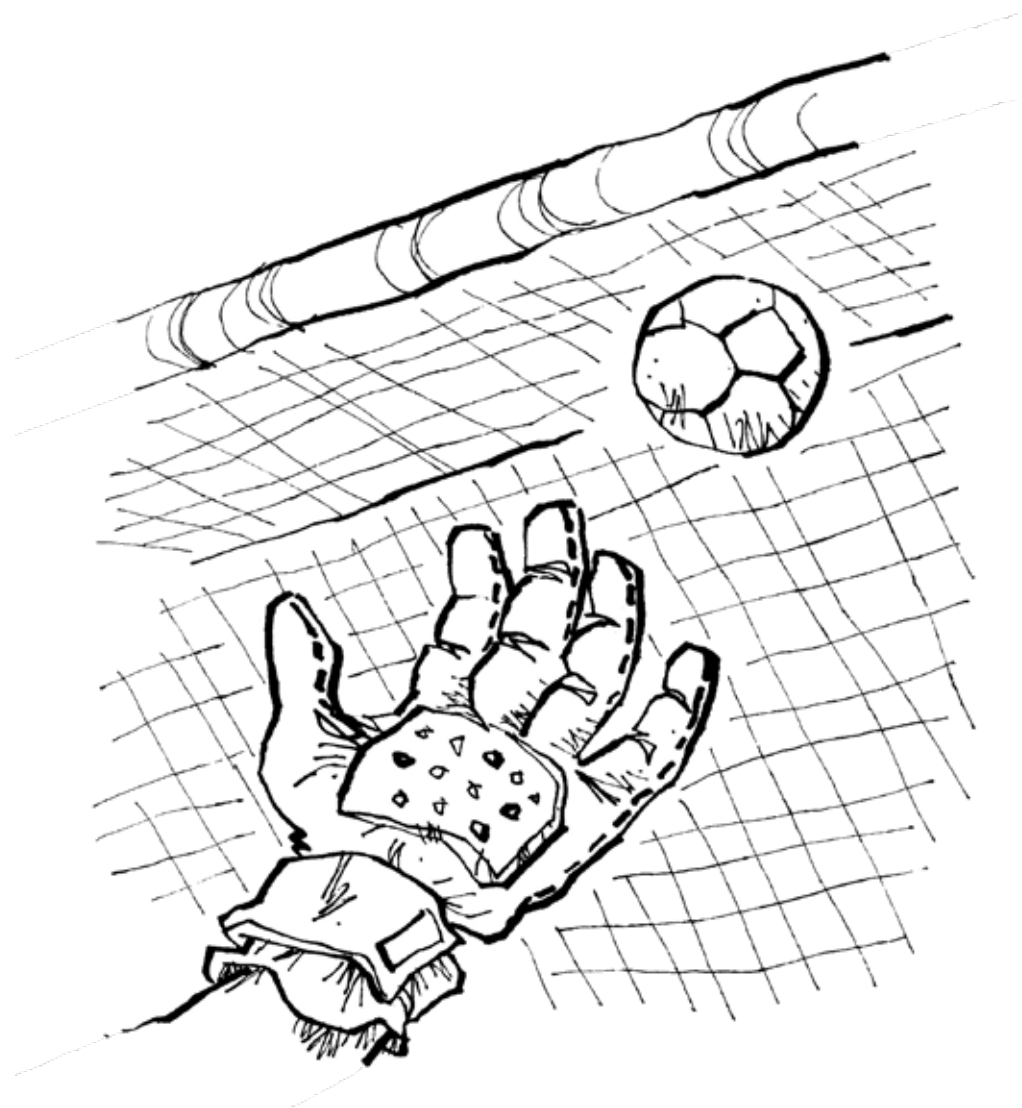
a recomendação pode, ou não, vir a ser aplicada, no caso da oficina em questão, nos contos elaborados pela turma.

Além disso, também há oficinas de Haicai ministrada por Alvaro Posselt e de desenho por Fabiano Vianna, e mostram que literatura é para todas as idades.

E a produção desenvolvida nas oficinas de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, antes de chegar nas páginas dos livros impressos que publicamos, como este, que agora você lê, passa, também, pelo olhar e pela supervisão do conselho editorial, formado, nesta edição, por Fabiano Vianna, Fabio Santiago e Rita Cassitas.

Tudo isso só tem sido possível por causa de tantas mãos que seguem, amorosamente, conosco e vamos citar e agradecer: Marianne Torres e Patrícia Wohlke, da Fundação Cultural de Curitiba; empresas que apoiaram e nos apoiam por meio dessa possibilidade de tornar sonho realidade via FCC; Flavia Gasparin, gerente de Bibliotecas e Faróis do Saber da Secretaria da Educação de Curitiba; Prefeitura de Curitiba, por meio do prefeito Eduardo Pimentel e Marino Galvão Júnior, presidente da FCC; Alice Medeiros, agente de leitura no Memorial Árabe; Daniele Lucy Guerra Paulo, agente de leitura no Farol das Cidades, e Tania Maria Severino, bibliotecária no Farol das Cidades; Gesiane do Rocio Fontoura, agente de leitura na Biblioteca Darcy Ribeiro; nossos amigos e colaboradores Simon Taylor, Mario Busato, Rafael Kloss, Cida Grecco, Elys Faria Bittencourt, Clara Reinhardt Silva, Juliana Cristina Reinhardt; e, ainda, todos que participaram de nossas atividades e os nossos ancestrais.

Viva!



PREFÁCIO, aquilo que vem antes do que de fato foi feito, mas é feito depois de tudo já feito

Juarez Poletto

A oficina de poesia *Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4* foi, para mim, uma experiência que me trouxe alegria e realização. Alegria, pois encontrei gentes dispostas a investir na criação da poesia; realização, porque o resultado me deixou plenamente satisfeito. É isso que pretendo mostrar na sequência deste texto, usando apenas textos não selecionados para o livro, mas que ilustram bem a qualidade e variedade que se criou.

A oficina tinha dois objetivos: passear pelo panorama da Literatura Brasileira desde suas origens até os dias atuais; e, motivados pelos grandes escritores e suas técnicas e habilidades, criar poemas.

Iniciamos com exercícios de linguagem, objetivando redescobrir as relações entre as palavras, para fugir da palavra acostuada, do lugar-comum. Esses primeiros exercícios já trouxeram incríveis resultados. Peço, pois, autorização para revelar alguns que não pudemos selecionar para o livro, mercê do limite estabelecido de páginas e do número de composição por autor, mas que são perfeitamente publicáveis em qualquer antologia.

Observemos essa maravilha criada por Gisele Oliveira, a partir da sugestão de usar apenas palavras iniciadas pela mesma letra, criando um poema-aliteração.

Peregrina

Plumagem pronta, pontual partida.
Perante penhasco, porém, palpita:
Possível?
Peregrina, pressente: posso.
Posiciona pés, projeta peito,
Prepara,
Pula.
Principiante, pende, precipita, parafuseia.
Pânico!
Propulsa, persiste, plana.
Por pouco...
Plena, pela paisagem paira.
Pertence.
Perpassa pinheiros, percorre poentes.
Pousar?
Posteriormente.
Procurará parceiro, procriará.
Perene pulsar primaveril.

Não cabe nenhuma explicação, a beleza fala por si nesse princípio de voo que metaforiza o próprio início da oficina.

Depois, partimos para algumas formas fixas, como a trova e o soneto. Exercícios assim desenvolvem ritmo e melodia, enquanto também permitem, pela restrição de espaço, a seleção acurada e precisa do vocabulário. Foram vários bons e surpreendentes exemplos que o leitor poderá constatar no corpo do livro, mas também me permito mostrar algo aqui, como a trova que escreveu Nilcéia Albuquerque França.

A vida exige coragem,
e ainda tanta ousadia!
Nesta vida de selvagem,
tragamos, pois, harmonia!

Versos de sete sílabas, com rimas alternadas, exatamente como manda o figurino, numa mensagem de carácter humanista.

No exercício do soneto, muitos percalços formais, mas o empenho trouxe belas satisfações que poderão ser constatadas no livro. Vejamos, porém, como aperitivo, a reflexão que faz Jucilene Aparecida Arruda Monteiro sobre a tecnologia de nosso tempo, com rimas perfeitas e métrica adequada.

Real ou virtual?

A IA não tão artificial me chama
Fere o vazio deste meu pensamento
Penso ver o seu rosto em holograma
E reproduz, em mim, certo tormento.

És virtualização da emoção
Imagem ágil que a mim aprisiona.
Em brasa, vibra em vão meu coração
És ícone high-tech que me secciona.

Online, o amor, a saudade e a ventura...
Quisera ver-te saindo da máquina...
Choro em alto lamento a desventura.

Platônica abstração, pura ternura!
Quisera encontrar-te viva na esquina
E, no real, abraçar-te a cintura.

O experimento de Silvaney Aguiar foi um pouco mais livre, mas muito criativo. Aí vai um soneto modernizado, fora dos padrões de métrica, mas pleno de criatividade.

Emoção

De onde vens, assim?
Quem te deu licença
para bulir em tudo,
revirar minhas crenças?

São as delícias do desejo,
a face dela desenhada como flor,
ou será apenas o desprezo
disfarçado de amor?

A dança dos pensamentos,
o fluir intenso das memórias,
o vulcão de sentimentos...

que, de repente, me aflora:
inegáveis argumentos —
sim, é ela, que me eleva e devora.

Com a liberdade formal de Silvaney, partimos para a liberdade criativa, com Odes, Elegias, Idílios, com ou sem rimas, sem formas fixas, sem necessidade de simétricas medidas, apenas o ritmo da criação. Então vieram muitos assuntos, a começar com o amor, a leitura, a saudade, a perda, a dor, a alegria, a exortação, a homenagem, a metapoesia, a criação intelectual, intuitiva e, porque não, ventral, como sugere Francisco Ribas em versos instigantes:

Em cada passo, a luz renasce sempre,
no chão da alma, fértil como o ventre.

Foi essa luz fértil que permitiu este livro original, não porque se reinventasse a poesia, mas porque juntou um grupo heterogêneo e bem capaz de produzir arte. Juliana Benato Mancio da Silva nos diz como alimentar o possível escritor:

Da leitura eu me alimento,
ao escrever vou digerindo
sentimentos,
emoções,
devaneios.

Luna Madsen nos conduz pela seara do cotidiano e do carinho,
brincando com a poesia:

Quadrinha de quatro patas

Tenho uma gatinha de três cores que, às vezes,
Perde seu branco caçando uma canção.
Volta em Sol Maior, Marrom e Preto.
E me olha feio para eu não rimar com cão!

Aqui também estão a humanidade, as guerras e suas ilusões, desilusões amorosas, como nos diz Gisele Oliveira nessa bela metáfora:

Abri as pétalas
como quem abre o peito,
sem medo.
Era jovem demais para temer o frio,
jovem demais para entender
que nem todo vento vem para acariciar.

Também vieram os medos, as incertezas, o tempo que nos acompanha e nos furta os dias, como sugere Gabriel Cerqueira de Oliveira.

Furto

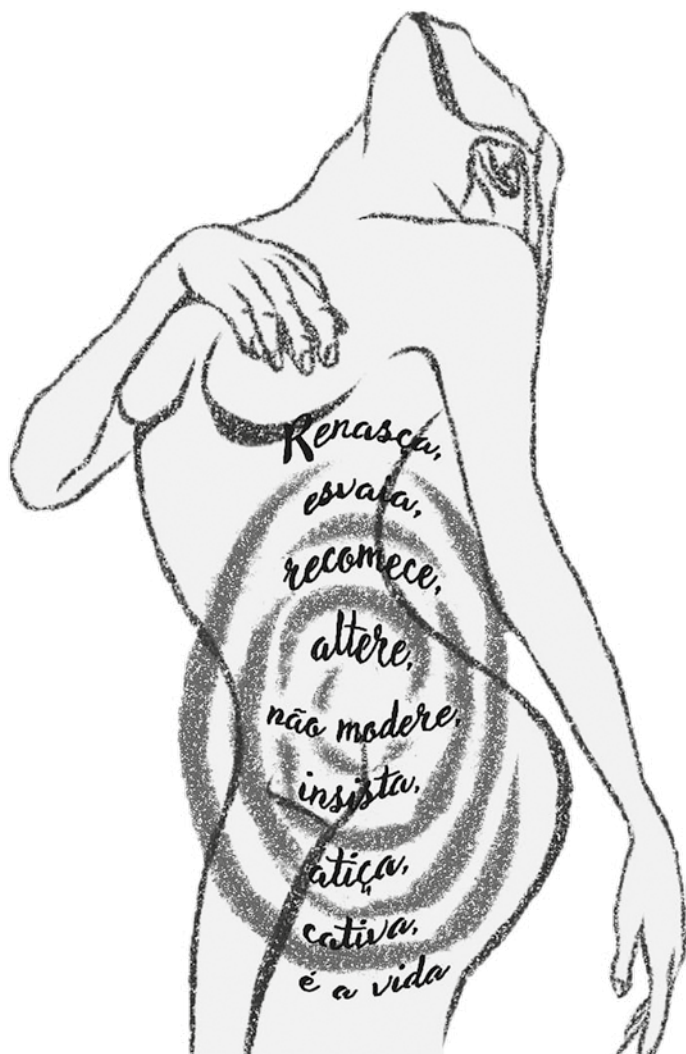
O momento escorre em minhas mãos...
O tormento entope minha visão
do tempo, que sempre acaba em solidão.
Vivo no presente, mas já me sinto preso
a um destino que, mesmo longe, vejo
Retinindo, e o seu brilho me traz receio
do finito, do seu insensível gelo.
Não há artifício que prenda os segundos.
A máquina só vai pra frente, avançando em furtos
de vida.
Eu, homem, aceito as feridas e conserto os furos.
Aprendo a viver o tempo que é luto.

Não devo me alongar para não me tornar enfadonho, pois o melhor ainda está por vir no miolo do livro que lhes apresento como o sumo de nossa travessia coletiva em busca da palavra original, sonho de todo poeta. Não posso concluir, porém, sem dizer que até tentamos investidas pela poesia visual, como experimentou Vera Lucia Bianchini Martins:

Morto

C
A B E L
I
M O R T O
D E
S O N O

Ou Gabriela Boratto:



Minhas palavras não são necessárias, meus queridos parceiros e parceiras de oficina dizem melhor o que aprendemos, o que trocamos, o que iluminamos, como o fez Silvaney Aguiar:

Tenho corpo
feito de verso
e carne,
verbo,
fantasia
que me arde
antes de iluminar.

Então escrever é um pouco fazer-se borboleta ou lagarta ou flor ou espinho ou luz ou sombra. Escrever assombra, mas nos dá asas, não é, Gisele Oliveira?

Borboletas

Meu jardim tem muitas cores
E circunda a minha casa.
Está repleto de flores
E muitas delas com asas.

Primeira turma

Alice Medeiros

PALAVRAS

Beleza incomum,
antes rarefeita
(diluída) em ondas,
agora firme, impetuosa, majestosa.
Rasga o que é dentro
para fora.
Desejos secretos
expostos sem reserva.
O medo descomunal
da entrega.

BEIJO

Ácido e alcalino

Fugaz

Desliza a língua

Sorve a alma.

PERDÃO

Queria ser como as outras crianças...
Que aqueles breves momentos se prolongassem...
As palavras fogem...
A dor da ausência
abandono não consentido.
Caminho de esmeraldas escurecido,
abraço vazio
nunca esquecido.
Sem direção
vago...
raiva
dor.

Pulsantes emoções radiam sua ausência.
Perguntas ecoam.
Cadê sua mão?
Como prosseguir?
Para onde ir?
Tempo
Tempo
Tempo
que esquece
que cura.

Raiva diluída.

Saudade...
Sorriso encantador
acolhe.

Rastros de amor
aroma de alfazema...
no espelho, você.
Reconciliação.

Gratidão
por ser você, mãe.

Francisco Ribas

SOFREGUIDÃO

Sofres na sombra, só, na dor vazia,
choras sem ter um ombro a te acolher,
as horas passam longas, fria é a via,
a noite é só silêncio a te envolver.
Na solidão, suspiras tão sozinha,
teu peito busca um lume, um bem-querer,
a madrugada é vasta e tão mesquinha,
sem ter alguém pra amar e pertencer.

Mas não te entregues tanto à escuridão,
pois tua alma brilha em luz e cor,
alguém te espera, atenta ao coração.

Na tua estrada, aguarda um novo amor,
e há de chegar qual doce inspiração,
trazendo ao peito alívio à tua dor.

CORA

A manhã cora
o dia grita
o corpo chora
a alma aflita.
Os olhos perdidos
sem destino
quase sem vida
nem amor
imploram.
Ainda resistem
ainda persistem
num breve sacrifício
num breve olhar.
Olhos miúdos críticos
quase sem chama
mas ainda inflamam
lembranças esquecidas
da vida quase secular.
Mesmo assim
a manhã resplandece
o sol brilha e ainda aquece
os corpos quase inertes
dos idosos no jardim.

FILHOS DE ADÃO

Quem é essa turba de trôpegos e trêfegos
que vomita risos e grunhidos ríspidos e insípidos?
Quem é esse bando de sôfregos
que exala odores pútridos e mefíticos?
Quem é essa súcia quimérica de títeres
que ilude com astúcia esse rebanho de bípedes?
Quem toca esse berrante midiático
que seduz e conduz essa boiada de canga?
Quem toca esse Theremin de corda única
que eleva esses espíritos peripatéticos?
Quem joga dos céus essa razão de ambrosia insossa
que estufa o rúmen de seus estômagos?
Quem sopra essa brisa de palavras bíblicas
que se dizem reveladas e verídicas?
Quem é essa cômica turba política
que estampa na cara sorrisos maléficos?

Quem ousa erguer a voz em tom de crítica?
Quem são esses frutos de tamanha má-criação?
Ora, ora, meu jovem neófito, como és cândido,
são os filhos de Adão... nada mais.

Juliana Benatto Mancio da Silva

O CUME

Tua vasta e bela passagem do tempo,
só é percebida ao porta-retrato,
olhando à frente presente o relampo,
das ilusões e expectativas do ato.

Alcançando ao píncaro do destempo,
vislumbra além do divinal abstrato
princípio, meio e fim: límpido lampo,
sentido e razão se integram num fato.

Em meio ao topo, conforto retorna,
alçar-se ao infinito causa ânsia,
mescla de lucidez e intensa sorna.

Centro da montanha sem fantasia
de viver um passado que madorna,
a conclusão da cabal travessia.

POÉTICA

Palavra
que encaixa
no meu pensar.

Palavra
que, fora da caixa,
traduz meu imaginar.

Palavra
que não se rebaixa
a seu indevido lugar.

A poesia é a arte de desorientar
palavras.

LIVRARIA

Deveria se chamar: local onde se compra a liberdade.

Aprisionado às páginas,

liberta-se o imaginário.

– Também te livrarias de muitos males!

Terapia em forma de livros

prescrita em palavras,

com posologia de letra a letra,

pílulas tomadas em frases,

cura pelas ideias,

e horas a fio de liberdade.

Assinada e carimbada pelo escritor.

Luna Madsen

AO HOMEM FANFARRÃO

Rasgas o prazeroso da presença,
tua gritaria desperdiça tua vinda.
Não olhas para o lado, nem para o Outro,
aprendes a perfurar caminhos de que nada sabias.
Ainda assim te sentes confortável, e não te compreendo.
A mim, não foi ensinado escândalo.
Guardo aqui, nessa ira indireta, teu mistério.
Minha herança e minha sorte talvez estejam
no fato de que lês pouco, e um pouco mal.
Posso rimar-te comigo,
mas isso, Deus o queira,
eu não faço.

SONETO DAS SOGRAS

Tens uma mãe, que toda amante a sente,
Filho da impenetrabilidade.
É tua, não a odeio como sentes,
não julgo o que não escondo na idade.

Sou filha do medo fiel a tudo.
A queda na piscina sempre urgente,
o rio faz mal – o amor, o nosso escudo.
Quando nos flagra nossa deusa ausente,

deixamos que nos lave na água antiga,
nosso frio releva todo esse horror
que uma vida de filhos bendiga.

Ferimos nossas mães, mas em instantes,
com mão piedosa apaga-se a conquista,
amando-as como fiéis amantes.

DO SONO

Esse é um dos muitos
cães pretos da poesia.
Cão-gárgula, ele é infinito.
Não, ele tem o nosso tamanho.
Dentes finos e poderia ter asas,
se ousássemos olhar para elas.
Quando sinto sua nebulosidade, sei que
meu tempo como escritora acabará.
Como filha também estarei concluída,
talvez ele esteja aqui em acalento.
Acho que vi você quando era criança,
mas eu era apenas um filhotinho.
Minha mãe disse uma vez que para fugir dos cães
basta não mostrar a eles que você está com medo.
Mas não posso mentir para ele,
não posso não ser real a ele. Temo.
Ele me ataca, mas depois da mordida me afaga,
se esfrega em minhas pernas e me compadeço.
Decido fechar os meus olhos
e aceitar que ele é a minha família.
E então sou consumida pela escuridão,
e tudo isso é ele. E eu sou ele aqui agora.

Segunda Turma

Gabriel Cerqueira de Oliveira

DISTANTE DO QUE EU FUI

Percebo as amarras em meio ao pó
que antes eram finas fitas de laço.
Apertam-se firmes ao meu redor
contendo minh'alma em grilhões de aço.

Eram alento, minha luz e sol
onde vivia um coração nublado,
cantavam rimas em um tom de dó
e amansavam um animal irado.

Mas a Consciência, enfim, as revelou
e enxerguei sua verdadeira forma,
as nuances da sua natureza.

Tentou me privar daquilo que sou
e me emoldurar à ficção da norma
deturpando essa dúvida em certeza.

CICATRIZES

Se as minhas cicatrizes não falam por mim,
no mínimo elas me deram a voz.
Me deixaram do jeito que eu sou, assim,
meu próprio herói e meu próprio algoz.
Sei que algumas batalhas não foram vencidas,
mas ainda não sei o que é guerra perdida,
pois aprendi a rir na cara da perfídia
e a fazer verso de cicatriz e ferida.
E cada flecha que me atingiu
foi por mim mesmo desferida,
enquanto tentava ganhar alguma batalha
nesse constante duelo com a vida.
E de cada chaga surgiram coisas mágicas,
que fizeram essa saga ser mais do que só trágica.
Do sangue veio sorriso e da dor veio a certeza:
jamais me darei por vencido, estou vivo na peleja.

ENGANOSA CANÇÃO

A derradeira visão
fez morada na memória,
forçou-me a ser essa história
de amor à frustração.
Trouxe a mim a Sensação,
a Luz e toda a Glória.
Surgiu... e cantou sonora
a enganosa canção.
Preencheu todo o vazio
com substância intangível
e fugazes confissões.
Esqueceu-me no sombrio
espaço inacessível –
um refém das ilusões.

Gabriela Boratto

Vício mirabolante que eu almejo,
perturbante desejo que me invade.
Cansado, me rendo ao falso lampejo,
me condeno ao prazer, à brevidade.

Repito, insisto, caio no abismo
de toques falsos e frio movimento.
Sensações vazias trazem o cismo,
sem limitação, cresce-me o tormento.

O vazio me devora, me consome.
Sou tão humana aos meus próprios desejos
e isso me apavora, toma o nome

do medo que caminha em meus lampejos.
Por favor, faça isso ir embora,
Por favor, que isso termine agora.

MEIO NADA...

Às vezes, sempre, me sinto meio nada
meio alguma coisa aqui e ali
e assim continuo.

Meio insuficiente para reclamar minhas palavras em público
meio entediante para ser amada pelo súdito.

Sou assim
meio nada, meio pouco
meio vazia, meio chata
meio introvertida, meio amada
meio que lembrada, meio pouco escutada.
Isso é meio frustrante.

Não sou totalmente, nem por um instante.

Me sinto meio cansada disso tudo
mas ao mesmo tempo, meio que não ligo muito.

É meio chato esse verso, só que isso
é meio que um pouco do meu universo.

Eu não termino um poema inteiro sobre isso
pois nem faria sentido.

Termino essa estrofe pela metade
porque é isso que sou de verdade.

Meio que...

CARINHO MEU

Tanto que me falta, tanto que eu tenho.
Meu carinho, meu socorro e meu bem.
Meu amor, minha fuga e minha sombra,
minhas aflições que nunca vão além.
Entrego-lhe o melhor do meu âmago,
mas de você, eu só fico esperando...
Esperando algo que só eu sei dar,
com doçura, carinho e meu amar.
É algo meu, mas não me deleito
E, às vezes, isso é um desrespeito.

Gisele Oliveira

SAUDADE

Então, é assim que tudo acontece?
Um sentimento estranho, tão confuso,
que busca em lembranças quase sem uso,
fortuito consolo que o peito aquece?

Emoção que nos sentidos se exalta,
como um aroma que evoca a doçura.
Amálgama de tristeza e ternura,
que aproxima o que se foi – ou nos falta.

É das memórias fiel carcereiro
que acalma a dura dor do prisioneiro
ante a sentença que jamais caduca.

Mas, se bem as guarda do esquecimento,
ambíguo é também este sentimento
que às vezes acode e às vezes machuca.

A VIDA

A vida é um livro sem margem nem pauta,
onde cada rasura se torna um enredo.
É a palavra vulgar na ponta do dedo,
é carta solta sem endereço,
é o instante entre o passo e o tropeço.
A vida é a ponta do nó na garganta,
onde a lágrima cai e o grito resvala.
É o abismo sob o tapete da sala,
é a sorte no caco do espelho quebrado,
e o azar refletido na face do dado.
A vida é a frase ainda não dita,
onde o verbo não encontra sujeito fixo.
É o espaço entre a espada e o crucifixo,
é o lobo camuflado de cordeiro,
é o fio que entrelaça o falso e o verdadeiro.
A vida é ruína em construção,
é desenho que some conforme o traço,
é fio frouxo de um bordado fino,
é guerra e dança no mesmo compasso,
é um sopro que finge saber o destino.

QUANDO AS PALAVRAS FALTAM

Quando as palavras faltam,
se desfazem na boca
como açúcar na saliva,
ou quando o que sentimos
não cabe em frase,
nem há idioma que traduza.
Há um lugar onde o silêncio fala —
no espaço mínimo entre dois corpos
que se encontram num abraço.
No abraço não pergunta,
não explica
só envolve,
acolhe,
acontece.
Diz tudo.
Sem pausa,
sem ambiguidade,
nem mais, nem menos.
Porque há dores que não se contam,
alegrias que não se gritam,
experiências que não se ordenam.
E o abraço —
ah, o abraço! —
é o caminho mais fluido
para transbordar um sentimento,
é a fala mais honesta
quando o verbo não alcança.

Jucilene Aparecida Arruda Monteiro

ODE À LIBERDADE

Ó, Liberdade!
Voz suprema
dos que carregam
grilhões na alma.
Beleza íntegra,
sopro no infinito,
és morada dos sonhos!

Pulsa, Liberdade!
Com o tinir retumbante
de teu povo algemado!
Lava a alma sofrida
com o encanto da pureza
na criança que,
de barriga vazia, chora.

Ó Liberdade, Liberdade!
Caminho de fuga
do Calvário humano!
Clama,
estremece,
arrebata
todo o sofrimento.
E, límpida,
cavalga nas
brumas da esperança.

Vem, Liberdade!
Acolhe-nos em teus braços!
Pois, és tu, ó Liberdade,
a artéria da existência!

PESADELO

Sonhos intercalados,
sons rudimentares,
açoites, gritos, angústia.
Corro...
Sufoco-me...
Acordo...
Eram os passos
do meu dia a dia
invadindo meu corpo inerte,
desprotegido
na imensidão
sombria da noite.

NO MORRO

No morro,
balas reluzentes atravessam o ar,
ouve-se um som estridente.

No morro,
o corpo de um jovem no solo
um pó alvo como a neve
uma poça rubra de sangue.

O autor da cena?

Ninguém sabe,
ninguém viu.

Voracidade e crueldade sem limites!

No morro nada parece anormal,
balas que circulam no ar,
rotina.

Mas, no morro...

Ah! No morro,
a luta contínua
com a morte e a vida
entrelaçadas ao som do pandeiro.

Marcos Fortes

MITOLÓGICO

Prometeu-me a luz, prometeu-me o todo
tal qual Prometeu, me traria o fogo.
Trouxe-o tão se apagando, que, porém,
nesse seu trato nada se contém.

Dissolve-se alívio. Eu, dissolvida,
sou duas: uma espera o amor, perdida;
a outra odeia o som do teu “chamego”
e o modo como anuncias: “já chego”.

Não foi Cáucaso, foi o meu ocaso.
Quer ir-se, e diz que fui só mais um caso.
E o remorso sequer quer o teu fígado.

Se a Prometeu e ao corvo desse juízo
jamais se daria o fogo, e aviso
voaria o corvo de seu peito frígido.

DO LEITO AO MEU PÚLPITO

Acomoda-te, companheira, ao seio,
vê se eu ainda dou um jeito — te peço —
nesse último poema que eu pleiteio:
tu simbolizas a Musa, a quem confesso.

Desopilo aqui dos pesadelos. Que sonhe!
E seja contigo, em nosso altar, que eu honre
aqueles nossos brindes de champanhe.
Na vida, que sempre tu me acompanhes!

Quis saber como as palavras viviam...
Quanto mais tentava, mais elas vinham
mas, ágeis – flashes! – faziam-se miragens...

Ainda busquei delas algo:
busquei que não me mentissem, mas vago...
Tudo que eu já caminhei foi margem.

GUERRA

(Ao tio-avô que foi à guerra)

Nos porta-retratos da estante alta,
olho-te nos momentos que o tempo te frisa...
Porém, sem te ver – é muito o que me falta –
não sei nem dizer o que teu olhar visa.

É um olhar penetrante, e eu quero e te ufano
como sendo confiante, mas há coisas que não sei
e, mesmo passando dos teus dezoito anos,
há coisas que jamais saberei.

Sei que teu pai foi um goleiro, foi o Cincinnati
do Athletico Paranaense, do Maguary,
mas pouco do que tu sentiste, eu senti.
Sei uma frase apenas, sobre o palato:

“Na guerra, come-se de tudo”.
Me citaram e também me disseram
que por vezes tu preferias ficar mudo.
Há coisas, porém, que não se herdam.

Passaram-se os dias
e não conheço do silêncio teus motivos,
só sei das tuas fotografias,
então quem sou para imaginá-los em livro?

Nilcéia Albuquerque França

ENTÃO

...um mar de tranquilidade me envolve.
Às vezes, um descarrilar de imensos veículos ladeira abaixo!
Começa ruidosa, chorosa,
segue em alternâncias,
sucessivas e/ou não,
de ritmos sincopados e lentos,
allegros e prestos
descompassados.
Penso ser um mistério divino e encantador!
Exige de mim presteza,
atenção,
labuta diária
muita coragem!
É isso!
Muita coragem, audácia e fé!

UM AMOR

Quero um amor inusitado,
daqueles que ninguém sentiu:
sentimento multicolor.
E se preciso for,
que me deixe extasiado,
ao olhar uma simples flor.

Um amor de céus vermelhos,
brisas intensas, olhares profundos,
que transformando o mundo,
se reflita em cada espelho.

Um amor aritmético... pleno de teoremas,
equações perpendiculares
que resida em todos os lares...
cibernético, futurista
que d'alma de cada artista
expresse do mundo a Beleza...
e na sua singeleza,
mostre que vale a conquista!

EVOLUÇÃO?

Hoje a IA diz tudo.
Quero aprender a usá-la.
Será mesmo tão inteligente?
As pessoas não podem abraçá-la!?

Tem algo parecido com sentimento?
Entenderá um lamento?

Criou-se nova hierarquia:
o senhor Computador...
o comandante Celular...
a santa Inteligência Artificial.....
ou será já divindade?

Será o fim da Humanidade?

Nola Amaro

TROVA

A esperança é serena
pra quem do lugar não sai,
em noite de lua plena
só lamenta os próprios ais.

METAPOESIA

Na cabeça vazia
as letras se juntam
e a poesia se cria:
a palavra com asas voa!

MÃE

Palavra pequena
e infinita
e um lindo astral.
Que eu tenha sempre comigo
teu colo de mãe,
teu abraço apertado,
a tristeza que passa,
criança por perto,
prece nos lábios,
fé no futuro,
delicadeza nos gestos,
conversa que cura,
cotidiano enfeitado,
firmeza nos passos,
sonhos ajeitados,
com olhar de ternura!

Silvaney Aguiar

MANIAS

Manuel matuta
maneira melhor:
mistura
música, métrica,
madeira meticulosamente
mexida.

Manuel maneja,
martela, movimentada
máquinas,
medos,
matéria —
minuciosamente medida.

Manuel matuta
maneira melhor —
mente maluquices,
mulheres,
memórias
meticulosamente moldadas.
Mentira.

Manuel mastiga
madeira macia
mandíbulas moendo
mortes, mensagens
melancolia
mente machucada,
marca manchada.

Manuel
matuta:
mistura, madeira, música...
mais música.
mesma música,
mesma madeira,
mesma maneira.

Manuel, mente madura,
matuta:
Manuel mude.
Mude, Manuel.
Manuel, mestre marceneiro —
manias
meticulosamente moldadas.

Manuel:
moleque, mexerico,
menino
meticulosamente
mexeriqueiro.
moço moderno
mestre,
marceneiro.

CANTIGA PARA A FÉ

Eu busco uma canção
que esfrie a cabeça
e acenda o coração.
Que fale — e que faça paz,
desate os nós da garganta,
como só a arte é capaz.
Aos meninos e meninas, entrego
matérias de sonho e missão —
décadas de dúvida, não nego.
Como um cego
que canta as cenas de ouvido,
eu busco uma canção
para a boca que emudeceu,
para um corpo ainda vivo,
e a alma que feneceu.
Convoco a potência dos fracos,
em uníssono coro,
com a calma dos mansos
e a indignação dos santos,
ao pronto canto —
aquele feito com as mãos.
Minha canção está suja de terra,
da obra justa,
longe da guerra.
Ela brinca nos quintais sem muros,
busca água na fonte limpa,
deixa a melodia viajar
no murmúrio do rio.
Sem medo, malícia,
sem ambição ou pressa,
eu preparo uma canção.

ANTES DO VOO...

de onde vem?
para onde vai?

haja tema
para tanta vontade.
haja siso que sustente
essa sede de liberdade.

haja espírito que suporte
um corpo que não aprendeu a voar.

haja mente.
haja mente.

haja palavra que alcance
a vida que escapa,
finge,
flui —
casca bruta,
sem voo —
talvez um devir
de seda ao vento

eu afirmo,

ela insinua.
eu sofro,
ela flutua.

calço os sapatos
de ontem.
ela pisa o chão —
pele e solo.

me oferece seu colo,
consolo
para um ovo
que sonha ser pluma.

Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff

DIAS NATURAIS

A lua brilha quando anoitece
e o fino fio do tempo
tece dias de brisa e vento.
O sol ilumina o dia que amanhece.

Os grilos cantam no jardim,
os pássaros esticam as asas,
sem limites escolhendo suas casas,
enquanto a grama recebe chuva enfim.

A natureza é perfeita
nela tudo que cresce é belo.
Quem planta bem faz a colheita.

Flores, frutas, água, mar...
O que é não importa
porque tudo nunca é nada, basta olhar.

ALÉM DO GRÃO E DA MONTANHA
(Para Sebastião Salgado)

A luz, a câmera, o click
o preto, o branco,
o zoom nas dores,
nas brutalidades do mundo...
Quantos enquadres de memórias
na beleza e na destruição,
revelando desigualdades,
preservando o além nas fotos feitas.
Elas permanecerão,
continuarão sendo o alerta
para a alma do grão de areia e da montanha,
porque o que até parecia pose
era só realidade.

FARO

Feito fábulas,
fadas felizes
flanam
feito folhas.
Fuzuê.
Flores frescas
fecundam
fazendo festa.
Fuzarca.
Frutos faceiros,
fantasiam
frescas formas.
Forrobodó.

Tharita Capelari Chimenez

TROVA

Amanheceu segunda-feira
casa, luta, amor, dor...
Suspiro os olhos da poeira,
na janela, um beija-flor.

POÉTICA

Eu daqui olho
lá a poesia, fotografia...
Calo, guardo, mudo
rodopio a grafia:
poesia, caleidoscopia.

Meu amor está naquela paisagem
bela árvore vista pela janela
flores rosa no verão da miragem
verdes sons amanhecem eu e ela.

Logo as painas irão em mensagem
rumo a um final de tardinha aquarela.
Sendo um, os dois a Roma viajem
mas voltem para ver a rua amarela.

Dançava a chuva morna na sacada,
sonhavam partir no último anúncio...
Folhas secas pela rua, mais nada...

até que longe vi o que me espera
brotando pelos braços o prenúncio:
os abraços de eterna primavera.



Thiago Sequinelli Rodrigues

Verde vale ... Vegetação

Velha vila ... Vestígio

Vinho vigoroso ... Viscosidade

Visita valiosa ... Vínculo

Vida vivida ... Vivência

Vera Lucia Bianchini Martins

ODE A MEUS PAIS

Ó Maria José, ó Sebastião!
Pilares fortes de minha existência!
Fostes modelos de minha arquitetura estrutural,
fostes engenharias genéticas de minha essência.

Ó Maria José, ó Sebastião!
Sonhastes minha estrada desenhar!
Nos caminhos, quisestes plantar só flores
como pais zelosos desejaram entoar
canções de ninar para embalar minha infância.

Ó Sebastião, doce pai amigo!
Embora figura breve em minha adolescência,
deixaste ensinamentos, exemplos de vida digna.
Foste luz em tardes e noites sombrias...
És perene acalanto a encantar meus dias.

Ó Maria José, mulher guerreira amiga!
Foste muralha do castelo demolido,
peça perdida do quebra-cabeça...
Ó Maria José, mãe andorinha solitária!
Fizeste verão em nova melodia,
entoaste cantos diversos pelos caminhos.
Sem ti, como poderia eu ter seguido?

Ó pais amados! Sou em vós o negativo
da fotografia revelada
no porta-retrato da família...
Em vida, sou a filha que leva consigo
todo o amor vivido por vós um dia.

POESIA É VIDA

Poesia é
palavra que lavra
ara a vida

Poesia é
palavra que semeia
colhe a vida

Poesia é
palavra que floresce
colore a vida

Poesia é
palavra que frutifica
alimenta a vida

Poesia é
palavra que eterniza
imortaliza a vida

Poesia é vida
palavra que liberta
torna livre a vida

FASES

Aguentar o fardo
farto corpo
sofrimento.

Transformar o ódio
lançá-lo ao ócio
filtrar do sangue o sangue
que venenoso escorre.

Amar o nada
tão cheio de tudo
acontecer.

POSFÁCIO

RASTRO É RESTO COM LASTRO RESTO COM LASTRO RASTRO É LASTRO COM RASTRO É RESTO

Rita Cassitas

Quando algo especial nos aborda, nós devemos ouvir. Concatenar as letras de forma que, ideias, sentimentos e acontecimentos soem extraordinários como as estrelas, mágicos como a poesia, coloridos como o imaginário. Talvez esse seja o papel dos poetas e da poesia na sociedade contemporânea. Nas oficinas aqui e ali, ganham lastro de literatura, métricas e técnicas. De resto, é materializar o rastro em versos para acelerar os batimentos cardíacos.

A escrita quer falar. Manuel matuta, Silvaney Aguiar escreve. Às vezes, é tudo o que se quer. Transbordar as coisas que estão na cabeça e na garganta, tudo pronto para sair correndo e flunar feito folhas no verde vale declamado por Thiago Siquinelli Rodrigues. Constatações e especulações, muitas luzes em noites de lua plena, onde as poesias de Nola Amaro se criam. Aceleradas, essas danadas escorrem, escapam ao controle, ultrapassam o espaço que queremos lhes dar e avançam pelos ouvidos. Onde estão nossas palavras? Na janela dos olhos de Tharita Chimenez ou na canção do beija-flor? Será que isso acontece com todo mundo?

Em sua quarta edição, *Ampliando Horizontes*, a poesia vagou pela vida, lavou Luna Madsen nas águas antigas das reminiscências, iluminou a morte do vazio que devorava Gabriela Boratto. Diante dos textos, que às vezes acodem, às vezes machucam Gisele Oliveira e eu, sinto-me peça, mais uma parte em seu trajeto a destravar entendimentos em mim, tal Prometeu a Marcos Fontes. Como se o domínio da irreverência tivesse estado sempre ali, assumir a propriedade desse clarão significa perdê-lo. Submissa, continua presente. Como sombra, fosca e dúbia, se transforma em dúvida. Mas é poesia! Para que lastro? Viva o rastro! Com aroma de alfazema, alerta Alice Medeiros. A poesia movimenta, aquece e agita a alma do grão de areia e da montanha, já sabia Sonia B. Wolff. Traz vontade e coragem à estrada desenhada para Vera Lucia Bianchini Martins. Desperta ímpetos de cantar, correr, girar, voar, acontecer, tal qual o amor aritmético pleno de teoremas, narrado por Nilcéia Albuquerque França.

Com qual das loucuras ligeiras que nos habitam vamos dançar hoje? Ser o próprio herói, como Gabriel Cerqueira de Oliveira, ou será algoz, um refém das ilusões? Vida é poder, ter vontades e tom. O poeta sabe ser senhor do próprio tempo, como os idosos no jardim de Francisco Ribas. Luna Madsen me fez pensar na finitude com seus cães pretos da poesia. A luz a se esvair em meio à nebulosidade sonolenta da inconsciência, a IA encarando o ai de Nilcéia Albuquerque França, guerra e dança nos versos de Gisele Oliveira. Depois da tempestade, o arco-íris, o sol entrando pela janela, insistindo em acordar o mundo. Podemos vislumbrar o sempre, redesenhar o querer, sonhar de novo. Sonhar o novo, o mesmo sonho de uma forma nova, cavalgar nas brumas da esperança de Jucilene Aparecida Arruda Rodrigues.

Em meio às vozes do projeto *Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção*, Juliana Benato Mancio da Silva determinou que a poesia é a arte de desorientar palavras. Os poetas sabem fazer pirlimpimpim.

As palavras me abraçaram e eu me deixei levar pela espacialização de novas poéticas. Alma leitora, refestelei-me nas elucubrações, tornei meus seus elementos, visualidades e unidades orgânicas. E ao final, restaram lastros, palavras, cicatrizes rabiscadas no rastro desse encontro de homens, mulheres e letras. Enquanto houver canção, coração e mão, a poesia nos salvará.

Ampliando Horizontes:

Poesia e Ficção

ampliandohorizontes.com.br



Marcio Renato dos Santos

O idealizador e coordenador pedagógico desta proposta também é escritor. Em 9 de agosto de 2025, ele autografou *A respeito de About*, o seu mais recente livro de contos, no Belvedere, sede da Academia Paranaense de Letras, em Curitiba, onde nasceu e vive. Também é autor de obras de não ficção, entre as quais, o *Dicionário amoroso de Curitiba* (2014). Já trabalhou no Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, no Museu Oscar Niemeyer, na Biblioteca Pública do Paraná e atua como jornalista na TV Paraná Turismo.

Victor Augustus Graciotto Silva

O coordenador e editor deste projeto é um paranaense nascido na região noroeste do Paraná, na Cidade Poesia, Paranavaí, e radicado desde 1995 em Curitiba. Graduado e Mestre em História pela UFPR, atuou como professor até idealizar, juntamente com Juliana Cristina Reinhardt, em 2010, a Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural, empresa responsável pela produção desta iniciativa. Entre outros títulos, é autor de *Benzedeiras* (2013), *Cervejarias de Curitiba* (2022) e *O skate no Paraná: cultura, identidade e patrimônio* (2023).

Juliana Cristina Reinhardt

Também Zугueib Zaidan, é produtora cultural, curitibana, formada em Nutrição pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Foi professora universitária na Faculdade Evangélica, PUC e Faculdades Espírita. Atua em pesquisa e produção cultural, e é autora dos livros: *A Padaria América e o pão das gerações curitibanas* (2010); *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade* (2012); *Entre Strudel, bolachas e stollen: receitas e memória* (2012); *Alemães, comida e identidade: uma tese ilustrada*

(2014); *Igreja alemã: Christuskirche, Igreja de Cristo* (2015); *Se essa rua fosse minha: Santa Felicidade e seus italianos* (2020); *Igreja Ortodoxa São Jorge: encontro dos árabes em Curitiba* (2022); e *Moça bonita não paga, mas também não leva: Feira Livre* (2023).

Carlos Machado

Autor de 12 obras de ficção, e com experiência no segmento da educação, o paranaense Carlos Machado ministrou a oficina de contos do nosso projeto em 2025. Também músico, compositor e maratonista, Carlos define a sua literatura como uma busca pela narrativa-limite entre o lugar e o não lugar, o visível e a invisibilidade coletiva. “Uma tentativa de esticar a realidade ao extremo até que retorne como literatura”, explica o escritor que estreou em 2004 com a coletânea de contos *A voz do outro*, reeditada neste ano.

José Carlos Fernandes

Curitibano, José Carlos Fernandes é um dos mais experientes jornalistas em atividade no Paraná. Fez história na reportagem, na edição e reinventou a crônica: escreveu mais de seiscentas, publicadas em um diário curitibano, na época, começo do século 21, com audiência e impacto na sociedade. É professor, pesquisador e extensionista de Jornalismo na UFPR, com foco em leitura, recepção e história da imprensa paranaense. Autor, entre outros títulos, do livro de crônicas *Na Brasília com a Ângelo* (2020) e *Um lugar chamado Cocaco* (2022).

Juarez Poletto

Catarinense radicado em Curitiba, apaixonado pela literatura, Juarez Poletto esteve à frente de duas oficinas de poesia na quarta edição do Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção. Autor de dezenas de títulos, entre os quais os livros de poemas *Alma nos dedos* (1988), *Silhueta*

(1998), *Adverso* (2009); as narrativas de ficção *O anjo fatal* (1987), *Teia* (1988) e do ensaio *Vozes poéticas do mundo do trabalho* (2011). Ele é doutor em Estudos Literários, professor aposentado, com passagens pela PUCPR e UTFPR.

Simon Taylor

Uma das façanhas deste curitibano é o álbum *Curitiba em Figurinhas*, com 400 figurinhas com desenhos que ele fez da capital do Paraná. *Meus cases de sucesso* (2013), *A caricatura da arquitetura* (2017), *A caricatura da arquitetura 2 – O desenho e a cidade* (2019) e *Curitiba em traço* (2023) são alguns dos livros do Simon, um dos fundadores do Urban Sketchers Curitiba, grupo de artistas que se reúne aos sábados para desenhar edificações e monumentos. Ele é o autor dos desenhos das capas de todos os livros deste projeto, desde o início.

Fabiano Vianna

O nome desse artista curitibano, nascido em 1975, começou a chamar atenção em 2009, ano em que ele lançou a LAMA, uma revista de literatura. De lá para cá, o Fabiano vem escrevendo e desenhando uma história particular na capital do Paraná. É autor dos livros de contos *Quem costura quando Mirna costura* (2021) e *A inesperada gravidez da casa de lambrequim* (2023). Também é designer e ilustrador, com não poucas exposições no currículo. Em 2025, integrou o conselho editorial deste projeto.

Alvaro Posselt

“Curitiba não nos poupa/Ontem tomei sorvete/Hoje tomo sopa”. Esse é um dos mais conhecidos haicais de Alvaro Posselt, poeta curitibano com 15 livros publicados, textos poéticos espalhados em muros e vitrais da capital do Paraná. Ele divulga voluntariamente o haicai em escolas

públicas há mais de 12 anos. Transformou a sua casa em um espaço cultural, a Casa Posselt, onde recebe escolas e o público em geral para oficinas, bate-papos e rodas de leitura. Faz parte do Coletivo Era uma vez e da Academia de Letras do Brasil.

Fabio Santiago

Por anos, esse alagoano radicado em Curitiba era conhecido, mais que tudo, pela sua habilidade como repórter cinematográfico, e dezenas e dezenas de jornalistas dizem que ele produzia imagens poéticas. Fabio abandonou a comunicação para se dedicar integralmente à poesia. Integrante do conselho editorial deste projeto em 2025, já publicou os livros de poemas *Mar de Sombras* (2019), *Intramuros* (2020), *Versos Magros* (2021), *Cantos Temporais* (2022) e *Todo Verso é Vício* (2024), além da coletânea de crônicas *A marca do Vampiro* (2023). Fabio, de fato, é poeta.

Rita Cassitas

A escritora, roteirista e gestora Rita Cassitas atuou, em 2025, no conselho editorial deste projeto. Ela é uma contadora de histórias contemporâneas. Os seus textos ficcionais e ensaios movimentam ideias em meio a memórias, ciências e imaginação. À frente da Academia Feminina de Letras do Paraná, é autora, entre outros títulos, dos romances *Riding* (2015) e *O menino que pedalava* (2016), e das coletâneas de ensaios *Sunday the game* (2013), *Sociedade Tecnológica* (2021) e *Conectados* (2025).

Cida Grecco

Revisora, graduada em Letras pela UFPR, radcada em Curitiba há mais de 30 anos, é especialista em Múltiplas Leituras pela PUCPR e em Humanidades pela UEPG. Mestre em Linguística pela Unicamp. Professora apaixonada de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual, atua como revisora na Máquina de Escrever desde 2021 e neste

projeto desde sua primeira edição. Estreou seu primeiro fragmento de romance no Ampliando Horizontes. Aventura-se mais uma vez nesta edição com a publicação de uma crônica-perfil.

Elys Faria Bittencourt

Graduada em Comunicação Social / Jornalismo na PUCPR em 1995, com experiência em revisão e edição de textos em livros didáticos, de assuntos gerais e em trabalhos acadêmicos. Parceira da Máquina de Escrever desde 2015.

Rafael Ferrer Kloss

Designer gráfico, curitibano, nascido em 1980 é formado em Design Gráfico pela Universidade Tuiuti do Paraná. Com experiência em fechamentos de arquivos para impressão, trabalha em parceria com a Máquina de Escrever há mais de 13 anos na preparação e diagramação dos títulos da editora. Ilustrador, pescador e entusiasta da vida ao ar livre.

Clara Reinhardt Silva

Fotógrafa e produtora de conteúdo, é curitibana e estudante de Design Gráfico da UFPR, atuando como ilustradora, diagramadora e UI/UX designer.

Curitiba, Novembro de 2025
Impresso em papel
Avena 70gr/m²
Tipologia:
EB Garamond, Noto
Tiragem:
1000 exemplares



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

Esse e os outros 2 livros que publicamos em 2025 materializam os processos das oficinas de criação que, pelo quarto ano consecutivo, oferecemos gratuitamente ao público interessado na cidade de Curitiba. Quem participa do nosso projeto tem acesso à experiência completa, da ideia inicial à escrita, incluindo a mentoria, até a sessão de autógrafos. Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção transforma sonhos em realidade, fomenta a economia criativa local ao contratar escritores, capista, designer, fotógrafa, gráfica, revisoras e movimenta a cena literária da capital do Paraná.



9 786587 517957